

82.09
L 732 p
Ex 1
C 9256 9231

nas

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontas e Lacerda-MT	
RG N.º	0027
Data	07 / 03 / 05
(☐) Compra (☒) Doação (☐) Permuta	

ESTADO DE MATO DE GROSSO SECRETARIA DO ESTADO DE
CIÊNCIAS, TEC. E ED. SUPERIOR.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ADÉLIA MARIA DE SOUZA LIMA

FRANKENSTEIN: A APARÊNCIA DESFIGURADA NA ESSÊNCIA.

PONTES E LACERDA

2004/1

ADÉLIA MARIA DE SOUZA LIMA

FRANKENSTEIN: A APARÊNCIA DESFIGURADA NA ESSÊNCIA.

Monografia de conclusão do curso de graduação em letras, apresentada ao departamento de letras(DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em letras.

Orientadora: Prof^a. Vanderlucé Moreira Machado Oliveira

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2004

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca
examinadora:

Local e data da aprovação

Dedico a meus filhos: Igor Vinícius e Ítalo
Andrey, um dos motivos para empenhar-me nessa
batalha engajadora, que me proporcionou prazer e
conhecimento.

A vontade é livre, mas aprisionada num
corpo passional e fraco pode mergulhar nossa
alma na ilusão e no erro.

(Santo Agostinho)

Agradeço primeiramente a Deus que sempre caminha a meu lado, aos meus pais que sempre me deram apoio e toda minha família, em especial meus irmãos que fizeram de meu estudo um estímulo para seguir na busca de maiores conhecimentos, à minhas amigas, Ana Cristina, Edvan e Simone, ao meu esposo, Eloi Inácio Lima, que apesar das dificuldades me apoiou direta ou indiretamente contribuindo para minha formação. E a minha orientadora que foi peça essencial nessa tarefa, obrigado a todos e que a amizade entre nós nunca seja amenizada por coisas banais.

RESUMO

Neste trabalho fizemos uma abordagem sobre a rejeição perante o diferente, na obra *Frankenstein* (1818) de Mary Shelley, desse modo foi elencado o quanto o preconceito é um mal que corrói e desmorona as pessoas. Notamos com essa análise a pretensão da autora em enfocar um tema tão polêmico e que talvez por esse fato, sua obra tenha atingido grandes proporções, pois, até hoje é uma obra muito comentada e copiada e o cinema já produziu várias adaptações sobre ela.

Notoriamente é apresentada no corpo deste trabalho uma prévia sobre a vida da autora, que devido a alguns fatos ocorridos nela, a influenciou em algumas passagens de sua obra, e não podemos esquecer que essa obra, apesar de ter começado por uma brincadeira, tornou-se um grande romance que apesar de distorcido em algumas adaptações cinematográficas alcançou sua ascensão, tanto que ainda hoje as pessoas designam o nome *Frankenstein* à criatura e não ao seu criador.

É apresentada ainda uma síntese sobre as principais características do Movimento Romântico o qual foi o grande incentivador na vida desta autora, que em suas obras ressaltava o romance gótico por suas características distintas, que de certa forma faz com que essa obra desperte interesse, ou seja, quanto mais você lê maior sua curiosidade em conhecer o final da história.

Ao tratarmos do romance *Frankenstein* (1818), enfocamos o preconceito como fator de destaque para nossa discussão, nesse caso o “monstro” criado por Victor seria um símbolo dos excluídos, uma espécie de mártir da intolerância, pois como é explicitado na sociedade de massa o diferente se torna aberrativo, sem nenhuma chance de inclusão social. E ainda é evidenciadas a ambição desmedida de Victor Frankenstein e a rejeição devido à aparência de sua criatura, sua falta de solidariedade faz com que esta criatura se torne um ser tomado pelo ódio, com uma única vontade, a vingança. E assim finalizamos essa análise ficando aberta a eventuais critérios que possam ser anexos ao corpo do mesmo, e desta forma vir a enriquecê-lo.

Palavras chaves: ambição, egoísmo, rejeição, preconceito, vingança.

SUMÁRIO

Introdução -----	09
Uma Mulher Chamada Shelley-----	10
Fundamentos do Romantismo -----	14
Frankenstein: A aparência Desfigurada na Essência -----	17
Considerações Finais -----	33
Bibliografia -----	35

1. The first part of the report is a general introduction to the subject of the study. It discusses the importance of the study and the objectives of the research.

2. The second part of the report is a detailed description of the methodology used in the study. It includes information about the sample size, the data collection methods, and the statistical analysis techniques.

3. The third part of the report is a presentation of the results of the study. It includes tables and graphs showing the data and the findings of the research.

4. The fourth part of the report is a discussion of the results and their implications. It discusses the strengths and limitations of the study and provides recommendations for future research.

5. The fifth part of the report is a conclusion and a summary of the findings. It provides a final statement on the results of the study and the overall conclusions.

INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi minha paixão e assim, seria inaceitável se não a escolhesse para meu ensaio monográfico. Tenho admiração por muitas obras literárias, porém, *Frankenstein*, de Mary Shelley, em especial, por conter fatos que atijam a curiosidade e que leva o leitor até o desfecho da história com grande interesse em desvendá-la.

Esta é uma obra que traça o perfil de um ser humano ambicioso e capaz de terríveis atitudes para conseguir realizar seus mais profundos desejos. Ao ler *Frankenstein* (1818) é evidenciada várias características que envolvem o romance gótico, como: ambientação sombria, a religiosidade, e também por tratar de assuntos que estão sendo bastante discutido na atualidade, a saber, a criação de seres humanos em laboratórios, o suspense é fator crucial em romance desse nível, enfim é por essas razões que este romance se tornou um grande sucesso e prossegue nos dias atuais.

Nesse trabalho optei por analisar fatos que envolvem o preconceito, que é um assunto que aborda polêmica, e que por mais que seja comentado sempre tem algo a acrescentar, pois por maior que seja a luta contra esta aversão social, sempre encontramos sentimentos incompatíveis a esse fato.

Este ensaio monográfico teve como objetivo apresentar passagens existentes na obra *Frankenstein* (1818), que ressalta a pretensão do ser humana em desvendar o mistério da criação divina e o preconceito de maneira cruel, e ainda a falta de solidariedade que acabou por levar o causador dessa atitude a morte. Esta é uma obra interessantíssima, um romance que envolve amor e ódio, prazer e loucura, desejo e ambição.

1874/75

Die erste Hälfte des Jahres 1874/75 war für die Landwirtschaft in der Gegend von ...
sehr ungünstig. Die Regenfälle waren zu gering, und die Temperatur zu hoch, so dass die
Pflanzen nicht genügend Wasser erhielten. Die Ernte war daher sehr gering.
Die zweite Hälfte des Jahres war etwas besser, aber die Ernte war trotzdem gering.
Die Ursache dafür war die geringe Menge an Regen, die in dieser Zeit fiel.

Die dritte Hälfte des Jahres war ebenfalls ungünstig. Die Regenfälle waren zu gering,
und die Temperatur zu hoch, so dass die Pflanzen nicht genügend Wasser erhielten.
Die Ernte war daher sehr gering. Die Ursache dafür war die geringe Menge an Regen,
die in dieser Zeit fiel.

Die vierte Hälfte des Jahres war ebenfalls ungünstig. Die Regenfälle waren zu gering,
und die Temperatur zu hoch, so dass die Pflanzen nicht genügend Wasser erhielten.
Die Ernte war daher sehr gering. Die Ursache dafür war die geringe Menge an Regen,
die in dieser Zeit fiel.

Die fünfte Hälfte des Jahres war ebenfalls ungünstig. Die Regenfälle waren zu gering,
und die Temperatur zu hoch, so dass die Pflanzen nicht genügend Wasser erhielten.
Die Ernte war daher sehr gering. Die Ursache dafür war die geringe Menge an Regen,
die in dieser Zeit fiel.

O ROMANTISMO E SEUS FUNDAMENTOS

Sabemos que Mary Shelley, a autora de *Frankenstein*, (1818) obra que será analisada no decorrer desse trabalho era adepta ao Romantismo, e a partir desse fato faremos uma síntese das principais características desse movimento literário.

O Romantismo foi cristalizado a partir da segunda metade do século XVIII, pois este foi resultado de dois grandes acontecimentos, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Nesta época a Europa passava por grandes transformações e devido às condições impostas à população, que era de total descaso, surgia um movimento que de certa forma, foi um marco em relação à liberdade de expressão, pois através de suas obras os autores poderiam expor seus sentimentos mais profundos e ao mesmo tempo clamar por melhorias, com intuito de aflorar uma necessidade de mudança. Para enfatizar Guinsburg comenta que:

“Uma evolução muito semelhante, enformada sem dívida pelo mesmo processo e pelas mesmas forças, ocorre contemporaneamente na épica ficcional, onde, em meio ao gótico, ao romântico, ao fantástico (...) despontam os grandes componentes da efetiva expressão realista, sem que, no entanto percam de todo a sua impregnação e, com frequência, paramentação românticas” (GUINSBURG, 1993, p.18).

O Romantismo tornou-se um movimento universal e fez com que seus seguidores adquirissem um estilo individual, sem perder a visão do social. O homem passa a ser o centro de si mesmo e a subjetivação estava em evidência, assim a partir dessa revolução humanística o homem muda os rumos da história, pois foi pelo revolucionário processo do Romantismo que ativou a percepção do homem como um ser histórico. A imaginação foi o grande fator desse movimento, pois, a partir dela, os pensamentos tomam forma e com isso o autor poderá transformar seus sentimentos em acontecimentos por meio de suas obras.

Podemos dizer que o Romantismo é caracterizado pelo subjetivismo, a idealização a espiritualização, entre outros, e era a partir dessas particularidades que os escritores daquela época se apoderavam, para melhor expressar seus sentimentos, nessa via de

pensamento GUINSBURG, comenta que: “Sob o impulso da mitificação, subjetivação, idealização e espiritualização que se desencadeia a partir da imaginação produtora do e no EU PURO de Fichte e culmina nas “realizações” da dialética hegeliana da idéia a caminho do Espírito” (...). (GUINSBURG, 1993, p.16).

Em *Frankenstein* (1818), essas e outras características são nitidamente apontadas, observamos nesta obra a religiosidade, pois há uma transgressão das leis divinas, que esta faz com que a utopia passe a ser uma distopia, ou seja, é provado que realmente seria impossível realizar o imaginável, pois a criatura feita pelo Dr. não fazia jus ao que ele pensara, pois sua criatura possuía uma fisionomia grotesca, e ele buscava a perfeição em um ser. Está em evidência na obra o sentimento pessimista do protagonista em relação à existência, podemos ressaltar que na obra, o Dr. Frankenstein não se conforma com o fato da morte e ainda esse personagem é dotado de um extremo egoísmo e persistia nele, um certo sentimento nostálgico que nos permite destacar mais ainda as características dessa era romanesca. Para reforçar essa passagem notamos em GUINSBURG:

“Nestas condições, pode-se verificar que o Romantismo em si se apresenta envolto caracteristicamente em nebulosas mitopoéticas ou em buscas que estão à frente ou atrás, dentro ou fora, mas sempre “além” do atual, jamais precisamente aqui e agora, distinguindo-se inclusive pela tensão e dinamismo de seu “estar-aí”, dionisíaco por natureza, em devir constante, sem nunca ser definitivamente.” (GUINSBURG, 1993, p.16).

Não podemos desconsiderar as variações contidas nesse movimento, neste caso fica em evidência o romance gótico contido, na obra *Frankenstein* (1818), pois a história gira em torno de castelos, que atraem um ambiente sombrio e ao mesmo tempo romântico, a trama é envolvida num certo suspense, e há a intervenção do sobrenatural. Notoriamente há nessa obra um ideal romântico pincelado pela perspectiva de união entre os personagens, Victor e Elizabeth, que essa perspectiva vem valorizar ainda mais essas características em evidência e fazer com que o romance se aproxime do real imaginário de cada leitor, como vemos em Guinsburg:

“(...) a História, conquanto bastante permeada pelo tempo mítico e psicológico, passa a inscrever-se num tempo “real” ou, caso se prefira, num tempo “mais” real, do ponto de vista concreto-humano e mesmo científico, do que o utilizado por ela anteriormente”. E ainda ele enfatiza. “Assim porque tudo se faz “história” no Romantismo, a História se faz então “realidade”(...)” (GUINSBURG, 1993, p.17e 18).

Segundo estudiosos precedentes, todas essas características estão presentes nessa obra, que se tornou um dos livros mais populares e influentes da literatura moderna sobre tudo na ficção científica e do horror.

Apesar do Romantismo ter como lema a liberdade de expressão, a obra *Frankenstein* (1818), levantou polêmicas, pois seu conteúdo abordava temas que iam contra os princípios sociais, desafiava as leis divinas e as leis da ciência. O cinema foi um dos grandes propagadores desta obra, que devido as suas adaptações o nome Frankenstein passou a designar, popularmente a criatura, e não o criador.

Sabemos que o Romantismo foi o fator crucial para a formalização da liberdade de expressão, portanto devido ao seu merecimento os autores elevavam sua imaginação a ponto de criar obras que de certa forma mudassem a vida das pessoas, ao levar em consideração que as obras dessa fase continham fatores que atraíam a população, tais como a imaginação, a lenda o coração humano entre outros, devido a esses fatores, esta fase perdurou por um longo período, e de certa forma, quebrou as regras historiográficas e tornou mais “verdadeiro”, o lado humanístico da história.

Podemos dizer ainda que devido à revolução historicista desse movimento o homem passou a ser mais perceptivo em condição de ser histórico, como vemos nesta passagem: (...) “A história romântica traça a trajetória de cada povo, país, ou nação como se fosse imbuída de um *telos*, de uma finalidade a presidir-lhe o sentido de sua existência e nascida de um *ontos* intrínseco, do ser-do-grupo e do ser-em-grupo, (...)” (GUINSBURG, 1993, p.18).

Perante esse enunciado, percebemos a valiosidade desta fase romântica, que foi um marco na história e perpetuou ao longo do tempo, mudando os rumos da história ao deixar de lado o enfoque teológico e a concepção clássica tão abordada nas fases anteriores, com intenção de mudança, de maneira que o conteúdo das obras

desse movimento transparecesse pontos que tivesse uma proximidade com o real empírico de cada autor.

De certa forma as obras desta fase abordavam em si um certo teor de individualismo, sendo assim, cada um é livre para expor seus pensamentos da maneira que lhe convier, para reforçar essa idéia, podemos observar neste fragmento:

“Unindo o geral e o particular, a personalidade cultural e nacional de cada povo, se distingue por valores próprios e intransferíveis; é uma forma de vida completa, auto-suficiente, da qual a singularidade do indivíduo humano se torna inseparável”. “Num certo sentido” diz Herder, “toda perfeição humana é nacional, secular, e estritamente considerada, individual”.(NUNES in GUINSBURG, 1993, p.59).

Sabemos que a maioria das obras literárias tem em seu conteúdo, exposições de sentimento individual de cada autor, mas em *Frankenstein* (1818), a autora não deixa de expor também os acontecimentos vividos por aquela sociedade e suas atitudes, e dessa forma tornou sua obra um tanto quanto polêmica e sobre tudo um exemplo a ser seguido, ao focar com severidade as atitudes preconceituosas da sociedade e suas ações ambiciosas, porém não deixou de lado a criatividade, sensibilidade e imaginação, que transformou esse romance numa obra de grande propensão e que de certa forma não deixou de elevar ainda mais a nova fase romântica que estava se instaurando naquela época.

UMA MULHER CHAMADA SHELLEY

Mary Shelley, ou melhor, Mary Wollstonecraft Shelley (1797-1851), escreveu várias obras, porém a que obteve maior destaque foi *Frankenstein* (1818) (O moderno Prometeu), o qual vem mexendo com a imaginação de sucessivas gerações.

A vida dessa escritora é quase tão interessante quanto sua obra, sua mãe era uma intelectual feminista chamada Mary Wollstonecraft, morreu onze dias após seu parto, seu pai era um filósofo, escritor e ensaísta, William Godwin, que antes era um eclesiástico, porém abandonara sua carreira para se tornar um pensador reformista radical.

Através do ciclo de amizade dos pais, Mary sempre esteve rodeada de intelectuais, devido ao seu convívio com essas pessoas, fez com que desde cedo ela se interessasse pelos movimentos românticos e também devido a esse envolvimento ela conheceu o poeta Percy Bysshe Shelley, que era casado e pai de uma menina, isso não impediu Mary de aos dezessete anos fugir com Percy, os dois viveram ilegalmente juntos na França e na Suíça, até que receberam a notícia de que a esposa de Percy, Harriet havia cometido suicídio, então em 1816, eles se casaram.

O casal mudou-se para Itália em 1818, e teve quatro filhos, porém apenas um Percy Florence, sobreviveu aos primeiros anos de infância, e em seguida acontecera outra tragédia na vida da autora, seu marido morreu afogado, em 1822.

Depois de tantos acontecimentos fatídicos na vida da autora ela volta à Inglaterra, onde prosseguiu com sua carreira de escritora, entre outros escreveu, *Valperga* (1823), e o romance futurista, *The Last Man* (1826) e ainda vários contos, biografias e o livro de viagens *Rambles in Germany and Italy* (1844).

Shelley era fascinada por obras que continham suspense e horror, enquanto passavam um verão chuvoso na Suíça no Chalé de um de seus melhores amigos, Lord Byron, à noite se reuniam entre outros amigos para

contarem histórias de fantasmas, em meio a essa brincadeira, a autora criou uma história, que viria a mudar sua vida perante às obras de sucesso, na era romântico, em especial no gênero gótico.

Ela comenta que numa dessas noites de insônia, “viu” a cena central de sua obra, onde um jovem cientista apavorado encontrava-se frente a uma grotesca criatura que acabara de dar vida, a partir desse pensamento Shelley inicia em primeira estância um conto, mas por incentivos de seu esposo dá continuação a sua trama e a transforma num romance, pois sua idéia era a melhor entre as de seus amigos e assim foi a única que perpetuou. Seu primeiro esboço começa com a frase: “Era uma noite lúgubre de novembro...”, que ao definir seu romance esta frase inicia-se no capítulo V, justamente o que aborda o momento em que o cientista dá vida à criatura.

Sabemos que Lord Byron, foi um dos incentivadores desta autora, pois a mesma seguia sua linha de pensamento, porém quem deu uma parcela de colaboração para que esta obra viesse a público foi seu marido Percy Shelley, que assinou a primeira publicação em 1818, só depois em 1831, que Mary Shelley pôde colocar seu nome em sua obra. É válido ressaltar que Shelley usava suas obras, como se fossem mecanismo, que dessem um toque em seus leitores para atentarem aos acontecimentos e atitudes daquela sociedade, em *Frankenstein* (1818), esse fato é evidente como vemos nessa passagem:

“Ela foi a maior seguidora do romantismo, mas também percebeu nitidamente a vaidade e egoísmo que caracterizou essa existência, e produziu uma narrativa que está a meio caminho do mito. Com base em mitos de seus trechos, pode-se muito bem considerar *Frankenstein* um romance mal escrito e exagerado. Porém, sua notável estrutura narrativa transforma-o em um relato cuja pertinência em relação à história da civilização ocidental é incontestável, desde seu aparecimento”. (SHATTUCK, 1998, p. 91).

Apesar de estar sempre rodeada de boas influências voltadas à literatura romanesca, sua vida foi permeada de atribulações, como vemos em: “A atmosfera de horrores encheu, aliás, a casa dos Godwins: a história da

família é a história de amores ilícitos e de suicídios. (a irmã de Mary se suicidou)". Carpeaux, (apud. Shelley, s.d.).

Devido a vários acontecimentos na vida da autora, pode-se acreditar que há ligações com sua obra. Em *Frankenstein* (1818), percebe-se um sentimento de melancolia, rancor, solidão, suspense, características presentes em romance de natureza gótica, que apesar da criatividade de cada autor esse tipo de obra sempre nos induzirá ao medo. Assim como em sua obra por sua vida permeava a dor e o prazer, um sentimento de rancor pairava sobre as mentes inquietas daqueles que seguiam a linha de pensamento dos românticos daquela época, pois como sabemos essas características são excepcionais no Romantismo como é destacado neste trecho:

"(...) está por toda literatura, do romantismo ao nosso tempo, uma insistência sobre essa inseparabilidade do prazer e da dor, em teoria; e, na prática, uma pesquisa dos temas de beleza atormentada e contaminada". (PRAZ, 1996, p.46). A partir desse enunciado percebemos que Mary Shelley, tinha uma sensibilidade aflorada e assim sua obra é composta por vários contra-tempos que de fato, puderam ser comparados à sua vida.

Porém devemos levar em consideração, a individualidade de cada autor e desta forma analisar a obra enfocando a vivência de cada qual, sendo assim fica evidenciado que em cada obra é possível encontrar traços de seu criador, que com sua imaginação à tona, faz com que sua obra tenha uma proximidade com o real.

FRANKENSTEIN: A APARÊNCIA DESFIGURADA NA ESSÊNCIA.

Frankenstein (1818) de Mary Shelley, obra de grande projeção na literatura romântica, narra a história de Victor Frankenstein, um jovem estudante de ciências naturais que com o intuito de criar um ser, pois tinha grande revolta pela morte, determina-se em desvendar o mistério da criação divina, e por meios da galvanização, que seria dar vida através de matéria morta coletadas de vários cadáveres, a partir dessa violação, ele cria uma criatura que possuía um aspecto tão horrendo que assusta até mesmo seu próprio criador.

Nessa perspectiva que enfocaremos a análise desta obra, a intolerância perante o diferente. Sabemos que a sociedade é voltada a um determinado estilo e assim segue a massa, obedecendo a seus parâmetros e de certa forma reforçando o velho inimigo de muitas raças, o preconceito.

O romance *Frankenstein* (1818), inicia-se com uma série de cartas escritas por um explorador, que navegava pelo ártico, chamado Robert Walton que se correspondia com sua irmã, nessas cartas ele narra fatos ocorridos enquanto seu navio estava encalhado no gelo, fala que avistou ao longe uma enorme criatura num trenó, mas desapareceu em meio a montanhas de gelo, em seguida resgatou um homem quase congelado, acolheu-o em seu navio e ao se recuperar um pouco, este homem pede para Walton registrar sua história temendo que não voltaria mais à civilização e assim ele explicou a Walton o que o levou aquela terrível situação. A partir daí é o Dr. Victor Frankenstein um jovem, nascido em Genebra, Suíça pertencente a uma das mais nobres famílias desta cidade, que desde pequeno sentia uma paixão por alquimia e uma forte curiosidade pelas ciências naturais, quem narra a história. Induzido pelo pai a ampliar seus conhecimentos, estava tudo certo para seu ingresso na Universidade de Ingolstadt, nessa mesma época sua mãe adoeceu e logo morreu, a revolta de Victor pela morte cresceu ainda mais e foi a partir desse fato que começou a pensar em vencer esta temível e fatídica passagem que é a morte. Ao chegar nessa universidade, procura por alguns professores que já conheciam algo sobre o galvanismo e com algumas anotações de um velho mestre daquele campus inicia seu intento.

100

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

ALL INFORMATION CONTAINED HEREIN IS UNCLASSIFIED

Victor comete vários crimes, rouba cadáveres, pois sua intenção era dar vida à matéria morta, assim reúne seus materiais necessários e consegue dar vida a uma criatura assustadora que apavorou até mesmo seu próprio criador. Por causa do desprezo a criatura pratica uma série de crimes vitimando a família do Dr. Frankenstein, e não somente sua família, mais também seu melhor amigo Henry Clerval, esse assassinato levou Victor à prisão, pois foi incriminado por essa horrível morte de seu amigo. A criatura desejava uma companhia tão medonha e disforme quanto ela, só assim ela daria por fim sua saga de atormentar a vida de Victor, pois imaginava que só uma criatura com sua semelhança poderia aceitar sua fisionomia disforme, porém a promessa da criação da mesma não foi cumprida, e ela continua a perseguição e promete vingança a seu criador, em sua noite de núpcias, pois o doutor havia prometido casamento com sua irmã de criação Elizabeth, entre eles haviam um forte sentimento e Elizabeth a muito esperava por este momento. Temendo que o pior acontecesse Victor casa-se às pressas e foge com sua amada, porém de nada adiantou o inevitável aconteceu, a criatura a assassinou em sua noite de núpcias. Victor tomado pelo ódio persegue a criatura, com intenção de vingança, porém forte e audaz ela o conduz para o Norte gelado com intuito de impor sofrimento a seu criador: “Prepare-se! Seus padecimentos mal começaram”. (SHELLEY, 1998, p.198). A exaustão tomou conta de Victor, foi quando já não lhe restavam forças, Walton o encontrou, após terminar seu relato o Dr. Frankenstein morre, logo depois a criatura entra na cabine do navio e lamenta-se sobre o corpo de Victor, estarecido Walton o observa. A criatura fala sobre seu ódio e sua culpa e logo após foge pela janela, numa jangada foi desaparecendo entre as ondas, “perdendo-se na escuridão infinita”.

Na obra *Frankenstein* (1818), há uma forte ligação com o sentimento de rejeição, pois a criatura desta narrativa não consegue relacionar-se com ninguém, e esse fato o leva a se tornar amarga e vingativa, e culpa seu criador por tê-lo feito tão disforme, é notório a repulsa que seu criador sentia, como vemos nesse trecho em que o próprio Victor descreve sua criatura:

(...) Oh! Castigo divino! Sua pele amarela mal encobria os músculos e artérias da superfície inferior. Os cabelos eram de um negro lúcido e como que empastados. Seus dentes eram de um branco imaculado. E, em contraste com esses detalhes, completavam a expressão horrenda dois olhos aquosos, (...), Eis que terminava minha escultura viva,

esvaía-se a beleza que eu sonhara, e eu tinha diante dos olhos um ser que me enchia de terror e repulsa. (SHELLEY, 1998, p.52).

Apesar de Victor ter obtido sucesso em seu intento não estava satisfeito com a aparência de tal “criatura”, e não lhe ocorreu que ela poderia possuir um certo grau de inteligência. Sabemos que na época em que foi escrito *Frankenstein* (1818), meados do século XIX, a beleza era muito propagada nas obras românticas, porém a autora propõe uma nova perspectiva para sua história, desta forma segue a linhagem do romance gótico, que por meio do horror cria um clima de suspense e medo, atrativo seguro para manter a curiosidade de seus leitores, pois essas características atizam a curiosidade das pessoas.

Depois de ter dado vida à criatura, Victor o abandona com grande repulsa, fato esse que torna essa obra um tanto quanto polêmica e insita um grau de seriedade devido aos procedimentos tomados pelo Dr. Frankenstein, pois a autora não oferece espaço para resgate da integridade desse personagem, como é ressaltado nesse fragmento:

“Mary permaneceu severa e inflexível. Seu julgamento das ações presunçosas e egoístas de Frankenstein ao criar e depois abandonar uma nova forma de vida jamais se abrandava durante o romance. Não economiza palavras para dizer-nos que, apesar de todo esforço, seu Prometeu moderno não merece a glória que procura, mais sim a morte humilhante que encontra nas vastidões ermas do Ártico”. (SHATTUCK, 1998, p.104).

É pertinente ressaltar que foi devido à aparência desse ser, criado em laboratório, que ocorre a rejeição, pois está arraigado no ser humano que o belo que é aceitável, porém os poetas românticos viam esse aspecto como inverso, sempre que ocultavam o belo era uma maneira de explanar o interior, ou seja, o feio é transcendental ao belo. Essas características demonstradas na criatura vêm reforçar o romance gótico, pois para os escritores desta fase, a beleza estava envolvida com o sofrimento, a dor, os traços obscuros da vida como vemos a seguir: “Para os românticos, a beleza realce mesmo daquelas coisas que parecem contradizê-la: coisas horrendas; é beleza tanto mais apreciada quanto mais triste e dolente”. (PRAZ, 1996, p.45).

Por forças das circunstâncias a criatura percebeu que a única maneira de atrair a atenção de seu criador era prejudicando seus familiares, assim ela mata o irmão mais novo do Dr. Frankenstein, esse acontecimento causou grandes transtornos na vida do mesmo, e nesta fase de desilusões acontece o segundo encontro com a criatura, percebemos nessa passagem a ira do doutor ao narrar esse encontro: “Um relâmpago iluminou o vulto e pude ver-lhe as formas nitidamente. Com sua estatura gigantesca, ali estava, em toda a sua hediondez, o próprio monstro, o demônio a que eu dera vida”. (SHELLEY, 1998, p.70).

Notoriamente, é explícita a repulsa de seu criador, porém a criatura que estava voltada à solidão, sentia uma grande vontade de se relacionar com alguém, no decorrer da história esse sentimento é evidenciado várias vezes e por não ser correspondida se torna vingativa e perigosa, pois até o momento do encontro com seu criador, ela não tinha obtido a aproximação de nenhum ser e tinha esperanças de encontrar em seu criador respostas para suas indagações.

Percebemos que o ódio dominava a mente da criatura e conseqüentemente a vingança seria seu consolo. A criatura descobriu os segredos da vida sozinha, não teve ninguém que a auxiliasse, aprendeu até mesmo a ler observando outras pessoas e foi para ela um momento de prazer, quando encontrou uma velha mala com alguns livros, nela continha: o Paraíso Perdido, um volume das Vidas Paralelas, de Plutarco, e Os Sofrimentos do jovem Werther, assim poderia passar seus momentos e aprender um pouco mais, como mostra essa passagem: “Mal posso descrever-lhe, Frankenstein, o efeito de tais livros. Apresentavam-me uma infinidade de novas imagens e sentimentos que, por sua vez, me elevavam ao êxtase, porém, com mais frequência, me lançavam na mais profunda depressão”. (SHELLEY, 1998, p.122).

Observamos que a literatura foi de grande ajuda na precária vida desta criatura, mas estes livros encontrados por ela, de certa forma lhe permitiu uma reflexão de sua vida sub-humana, como a própria criatura argumenta: “Quanto mais eu aprendia, mais elas se acentuavam, provocando minha maior desolação”. Neste trecho da obra percebemos uma ponta de arrependimento desta criatura por ter se mediado ao conhecimento, que lhe trouxe uma série de respostas para suas indagações e que apesar dela querer livrar-se dessas reflexões não conseguia, pois,

segundo a própria criatura o conhecimento, “apega-se à mente, uma vez adquirido, e ali fica como Líquen na rocha”. (SHELLEY, 1998, p.115). É válido ressaltar que essas obras citadas pela autora são rebuscadas de sofrimento e tristezas.

Por um certo período a criatura teve alguns vizinhos ocultos, pois se escondia num casebre pertencente a um velho cego que morava bem ao lado, numa humilde casa com seus dois filhos e uma nora, certo dia os três jovens saíram e a criatura aproveitou para uma aproximação com esse senhor cego, chamado De Lacey, humildemente a criatura foi se aproximando e conseguiu falar civilizadamente com aquele Sr. sem nenhuma reprovação, pois tinha a seu favor a cegueira do velho, nesse momento a criatura pôde desabafar um pouco da angustia que carregava consigo e falar do preconceito que as pessoas demonstravam a seu respeito, ela temia que a repulsa voltasse a atormentá-la, no momento em que fosse visto por aqueles jovens, que moravam com aquele senhor, a expectativa da criatura era grande, desejava muito se tornar amigo daquela família que furtivamente foram seus mediadores de conhecimento, e temendo ser descoberto pelos jovens que estavam a chegar, o desespero o dominou, “- É chegada a hora! Salve-me e proteja-me! O senhor e sua família são os amigos que procuro. Por Deus, não me abandone!”. (SHELLEY, 1998, p.130)”.

O temível aconteceu os jovens entraram e num ato de repulsa expulsaram a criatura, pois devido à sua aparência a pobre criatura era condenada e nem ao menos quiseram ouvi-la. A intolerância ao diferente fez com que aquelas pessoas reagissem daquela maneira e a criatura sem querer a destruição daquela gente saiu em disparada, e a solidão e revolta tornaram a ser seus únicos companheiros.

A autora enfoca esses tormentos sofridos pela criatura e conseqüentemente pelo seu criador, como via de regras na literatura gótica, onde o ódio e o horror perduram, esses pontos focados nessa fase romântica, revela a parte escura do ser humano, que reforçado pelo egoísmo rejeita ao que não lhe é refutável. Sabemos que Mary Shelley se espelhou em Lorde Byron, para seguir sua linha de pensamento, com isso, podemos dizer que o Dr. Frankenstein e sua criatura têm muito haver com os personagens traçados por Byron, pois, por suas obras permearam: o tédio, o amor à solidão, um segredo que rói o coração, o voluntário exílio. Características essas

encontradas também neste fascinante romance de Shelley, e que também se tornaram patrimônio do romance gótico. Não devemos deixar de elencar que Byron tinha por excelência envolver seus personagens numa profunda melancolia assim como também a autora da obra em análise.

A partir de um prévio conhecimento de mundo, a criatura passa a questionar seu surgimento e assim narra ao seu criador, que ao encontrar no bolso da roupa que tirara do laboratório um diário, pôde entender os meios que levaram a esse fato. E desse modo ela indaga o porque da criação de uma criatura com fisionomia tão horrenda, pois, se Deus fez o homem à sua semelhança e até mesmo o diabo tinham seus companheiros como ele, então porque sua aparência era tão grotesca. É válido ressaltar que a beleza era algo sempre tratado com escárnio, nesta fase romântica, como enfatiza Baudelaire: “Para certos espíritos mais curiosos e mais entendidos, o gozo da feiúra provém de um sentimento, que é a sede do desconhecido e o gosto pelo horrível”. (Apud, PRAZ, 1996, p.62).

Um aspecto interessante a ressaltar é o fato de que essa obra foi elaborada com intuito de provocar a sociedade perante aos acontecimentos vigente daquela época, e que o Dr. Frankenstein, apenas externou seus sentimentos ao criar aquele ser, assim se sua criação portava uma fisionomia grotesca servia para mostrar como era o interior das pessoas ambiciosas, como o doutor Frankenstein que por uma ânsia desmedida de desvendar as leis divinas e alcançar a fama, ultrapassou seus limites e não soube dominar sua criação. Dessa forma, podemos dizer também que a autora criou a personagem da criatura de Frankenstein para simbolizar a massa popular desprivilegiada que para sobreviver deveriam obter uma certa resistência tal como a da criatura. A título de ilustração podemos enfatizar que:

“Mary Shelley não deixa de manifestar certos incômodos com a forma que as elites governantes tratavam a questão social na época. A arrogância social, a afetação nas afeições e a falta de solidariedade constroem seus próprios monstros sociais, que são jogados *para o nada social* ou *para o mal*”. (On-line: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cviana.htm>).

Entendemos que a autora, com intuito de instigar as atitudes da sociedade, cria uma criatura que simbolicamente represente as discriminações sociais, que é fato vigente desde aquela época e sobrevive ainda em nossa atualidade.

Após ter sido descartada a chance de conseguir amigos, a criatura encontrava-se sozinha e desolada e de repente pegou no sono, foi quando passava ali por perto um garoto que com barulho acordou a criatura, em princípio ela ficou encantada com a beleza daquela criança, porém esta não a retribuiu com o mesmo encantamento e gritava desesperadamente, e num de seus “berros” dizia ser filho de M. Frankenstein, ao ouvir aquele nome o ódio cresceu dentro da criatura e num momento de volúpia enforcou-o até a morte. E ainda a criatura foi perspicaz, pois, ao assassinar aquele menino encontrou num celeiro ali por perto uma jovem, que dormia inocentemente, ao vê-la a desejou por sua companheira, mas logo se refutou, pois sabia que seu desejo era algo impossível e assim fez com que, aquele crime caísse sobre aquela jovem que naquele momento nada sabia da tragédia que a esperava. Ao cometer esse crime que foi seu primeiro a criatura sentiu-se poderosa e percebeu que de certa forma poderia vingar-se de seu criador, como vemos nesta passagem: “-Também eu posso criar desolação! O que me fizeram com a vida, pago com a morte. Meu inimigo não é invulnerável. Está morte há de causar-lhe desespero, e mil outras desgraças o atormentarão até destruí-lo”.(SHELLEY, 1998, p.138).

A partir desse intento a criatura pode entender que sua força era algo que de certa forma, poderia ajudar em sua obstinada vingança, pois era só o que lhe restava, sendo que ninguém o aceitava e a única chance de conseguir amigos que seria, a família dos De Lacey, foi descartada repentinamente, e as pessoas não o aceitavam, o que lhe restava era somente um forte sentimento de rancor, agora sua fúria estava voltada à família Frankenstein e sua meta era destruir tudo que poderia trazer felicidade a Victor.

É notório relatar que as obras anteriores a essa, tratando-se de romance gótico, não traziam em seus conteúdos uma firmeza em relação à posição social daquela época, foi a partir de Shelley que os personagens românticos passaram a obter um veredicto final mais severo perante aos seus atos. Como nos mostra esse fragmento:

“É claro que foi necessária uma mulher para fazer o inventário da destruição causada pela busca exarcebada de conhecimento e glória, inventando assim o contraponto de Fausto. O Senhor não intervém para salvar Frankenstein, o julgamento de Mary Shalley é mais agudo e corajoso do que a leniência cósmica de Goethe”. (SHATTUCK, 1998, p.105).

Como a criatura já desejava uma companheira foi o que planejou enquanto rodeava as propriedades da família em questão, num dado encontro com Dr. Frankenstein, a criatura pede ao seu criador que lhe faça uma companheira tão hedionda quanto ele, para que assim possa viver em paz e bem longe da humanidade, percebemos nesse trecho que a princípio a criatura se torna humilde ao fazer seu pedido, notamos: “Ó meu criador, atenda à minha súplica! Permita-me despertar a simpatia de outro ser! Deixe que transforme em eterna gratidão todos os sentimentos maléficos que presentemente nutro por você. Não me negue esse pedido”.(SHELLEY, 1998, p.141).

Em primeira estância, o doutor aceita a proposta da criatura, e começa a reunir materiais para seu novo intento, porém ao pensar nas conseqüências que levariam seus atos ele desiste, provocando grande fúria na mesma, que o ameaça dizendo: “você julga-se desgraçado, mas posso torná-lo muito mais infeliz do que supõe. Você é meu criador, mas o senhor sou eu. E terá de obedecer-me”.(SHELLEY, 1998, p.163).

Nesse momento percebemos que a criatura vira-se contra seu criador, pois ele já pôde perceber que seu criador é vulnerável ao seu poder físico e assim ele usa esse poder para persuadir seu próprio criador. Notamos nessa passagem: “O monstro usurpa ao homem que o criou o papel de Prometeu sofredor. Não admira que no mito resultante e na visão popular o nome Frankenstein seja freqüentemente atribuído à criatura, e não ao criador”. (SHATTUCK, 1998, p.101).

Com intuito de tornar o homem invulnerável o Dr. Frankenstein dá vida a um ser, sem pensar nas conseqüências em primeiro plano, e a partir desse feito, essa criatura é vista como um pária social, pois a aparência é fato vigente na maioria dos casos sociais, porém independente de sua fisionomia aberrativa, este ser poderia vir a

fazer parte do convívio social, se a sociedade não fosse tão infectada pelo preconceito. A título de ilustração temos o fragmento abaixo

“No entanto, como em qualquer criatura que nasce, a personalidade do monstro o seu “Eu” ou “emanação” interior- não estava sempre formada. Nada o levaria necessariamente para o mal. Nesse sentido, o nascimento não define caráter ou capacidade, mas sim as circunstâncias sociais oferecidas para o aproveitamento e desenvolvimento de seu potencial afetivo e racional.”

(On-line: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cvianna.htm>).

Ao refletir sobre esse ponto de vista perante as atitudes do cientista em questão entendemos que, a autora queira instigar seus leitores em relação à discriminação, pois, como notamos na fase romântica, o fator crucial era a mudança em todos os sentidos. Como vemos abaixo:

“No primeiro terço de século XIX, a sensibilidade romântica não tolera um mundo que se torna monocrático e afetado por regras que impedem o livre desenvolvimento do conhecimento e da sensibilidade. Nesse sentido, ela se inscreve em larga medida na superação do ideal clássico como paradigma, buscando mais diversidade de cores e objetos, pois possibilitam ao homem aprender novas coisas e aperfeiçoar as antigas”.

(On-line: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cvianna.htm>).

Como já foi elencado o Dr. Frankenstein, não aceita criar uma companheira para a criatura, pois teme as consequências que isso poderá levar, após ter passado por fortes provações que sua experiência lhe proporcionou, agora ele pensa nas consequências de seus atos, com essa passagem percebemos a proximidade da história com as atitudes de nossa realidade, é digno do ser humano prevenir-se somente após o acontecido. A título de ilustração podemos ressaltar que:

“(…) a literatura ao mesmo tempo em que denuncia a insatisfação com o real, passa a oferecer, contra ele, o abrigo do ideal decepcionado, que se constitui em refúgio, e que transforma o refúgio em sucedâneo de aspirações insatisfeitas”. (NUNES in GUINBURG, 1993, p.55).

A criatura de Victor Frankenstein não mede esforços para ter uma vida mais digna, ao pedir que o faça uma companheira, ela promete que irá para bem distante

evitando contato com a humanidade, porém seu criador subestima-o, desistindo de sua promessa, e ao perceber que sua sonhada companheira não será concluída a criatura jura vingança a Victor, dizendo: - Está bem. Vou-me; mas lembre-se de que estarei presente à sua noite de núpcias.”(SHELLEY, 1998, p.163). Percebemos que a criatura usava as piores ameaças na intenção de coagir seu criador, dessa maneira suas atribuições ameaçadoras, poderiam surtir algum efeito, pois, essa era a única maneira que ela encontrava para reivindicar sua vontade. Podemos atribuir essas atitudes demonstradas pela criatura como comportamento comum nas personagens da literatura inglesa, como vemos nesse fragmento:

“Esse heroísmo sombrio, essa dura obstinação, essa pungente ironia, esse braço orgulhoso e rijo que cerca a dor como um amante, essa concentração de coragem invicta, que curvada sobre si mesma, tudo encontra, esse poder de paixão e esse domínio sobre a paixão são traços próprios do caráter inglês e da literatura inglesa”.(PRAZ, 1996, p.73).

Não obstante entendemos que essas características são inseridas, também, na personagem de Victor Frankenstein, pois suas atitudes fazem com que pensamos que ele seja, um ser de caráter dubio, dessa maneira, esses personagens integram na história formalizando-a como um fator que conseqüentemente poderá reverter sua pretensão em sua própria desgraça, como é o caso do Dr. Frankenstein.

Atormentado pelas ameaças da criatura, Victor compadecia de sua culpa, quando numa ilhota onde ele se encontrava fugindo de sua realidade, soube por moradores daquela região que haviam encontrado um corpo de um jovem cruelmente estrangulado, aquela notícia, remetia inescrupulosamente à maneira como a criatura dominava suas vítimas, e Victor perturbado por suas inquietações logo foi ver de quem se tratava, ao ver seu único amigo, Henry Clerval, ali disposto num ataúde, sua atitude foi de total convalescença, era inexplicável a dor que sentira e aflito ele gritava: “Por que não morri? Sendo o mais miserável entre os homens, por que não mergulhei para sempre no esquecimento e no descanso? (...). Mas estava condenado a viver”. (SHELLEY, 1998, p.171/172).

Depois da morte de seu amigo o Dr. Frankenstein, foi acusado de ser o assassino, porém no estado deplorável em que se encontrava nada mais o importava e de certa maneira ele se culpava, pois, sua incontestável busca pelo conhecimento da criação divina levou-o a total desgraça, afinal Victor não só desejava contornar a morte, mas que a partir desta feita conseqüentemente evitaria sofrimentos por perdas de pessoas queridas, e foi esse, seu primeiro pensamento ao perder sua mãe, devido a tantos tormentos o ópio era seu refúgio seguro. Vício de muitos poetas e autores daquela época, que encontravam nesse narcótico uma maneira de fugir da dor que a realidade lhes proporcionava. Enquanto ele encontrava formas para fugir à realidade dos fatos a criatura carregava sua dor sem ter ao que recorrer, por isso sua vingança ainda não tinha se dado por completa.

Foi precisamente em sua noite de núpcias, em que Victor se encontrava num de seus poucos momentos felizes, certificava a todo instante de que a criatura não estivesse por perto, pois, temia sua ira e por alguns instantes pôde contemplar a beleza de sua amada, então ouviu um barulho e saiu para averiguar, e de dentro de seu quarto ouviu-se um grito, Victor correu apavorado, mas já era tarde demais, a cena era de total desespero, sua querida Elizabeth encontrava-se estrangulada em seu leito nupcial, a criatura havia cumprido sua promessa de não permitir que seu criador jamais se sentisse feliz.

Aquele assassinato desmoronou o Dr. Frankenstein de tal forma, que ele não aceitaria viver sem que pudesse ceifar a vida daquela detestável criatura, a partir dessa feita Victor passa a sentir um profundo ódio por sua criação. O sofrimento que o Dr. Frankenstein sentia não comovia nem um pouco sua criatura, pois, maior era a dor que ela sentia em relação à sua rejeição, sua ira explicitava o rancor, o ódio, que ela guardava dentro de si e sua maneira de extravasar seu sentimento, era ferindo seu criador no que mais lhe era precioso. É válido ressaltar que o desejo de saber demais levou esse talentoso cientista, a ruína, desse modo podemos dizer que o conhecimento proibido, ao qual se refere, Shattuck dentre outras obras inclusive a de Shelley, incita a destruição, como é ressaltado nesse fragmento:

“Os protagonistas invocam um espírito maléfico não no ambiente à sua volta, e sim dentro de si mesmos. Uma

parte reprimida do caráter de cada um deles os assombra. Desse modo, acabam sabendo demais a respeito de sua personalidade oculta e já não conseguem acreditar em sua própria integridade. Podem apenas se lamentar. Nenhum deles se salva". (SHATTUCK, 1998, p.105).

Porém, o Dr. Frankenstein não se entregou ao desespero, pois estava convicto de sua vingança e não descansaria até tornar esse sentimento em realidade. Como ele próprio relata: "Mas a vingança me mantinha vivo; eu não ousava morrer e deixar vivo o objeto de minha perseguição". (SHELLEY, 1998:195).

Sabemos que as obras literárias dessa fase romântica tinham por excelência uma proximidade com o real, visto dessa forma podemos dizer que, a autora encontrou em sua obra uma forma de instigar a sociedade em relação ao diferente, de modo que, não podemos deixar em relevância a maneira como essa criatura foi colocada no mundo, e como é relatado na obra o único espaço social que lhe restava era as florestas inóspitas, desta maneira sua existência seria indiferente aos olhos da sociedade. A autora dá a Frankenstein uma dura condenação, a qual visto deste ângulo esta obra, não se torna um fator somente religioso moralista, mas sim do modo que é colocado, nos permite conciliar numa "provocação romântico-humanista que pretende lembrar que o homem, em sua ânsia de tentar aperfeiçoar a si mesmo e a seu semelhante não pode perder a sensibilidade, o que significa equilibrar de modo inclusivo as relações entre meios e fins". (On-line: <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cvianna.htm>).

Após ter decidido seguir a criatura com intuito de por fim em sua vida o Dr. Frankenstein começa uma peregrinação que segundo ele só terá fim quando um dos dois estiver morto, assim a criatura o atrai em direção ao Norte. Ao passar por terríveis provações como, o frio, a fome e a fadiga, nenhum desses fatores o intimidava em mudança de ideal, pois, o ódio que carregava era maior.

Porém aquele sofrimento que a criatura o fazia passar era uma demonstração daquilo que passara por toda sua vida, e ao fazer seu criador traçar aqueles caminhos era seqüência de sua vingança, e quando percebia que seu criador estava quase se desfalecendo de alguma maneira ela o ajudava, como vemos nesse trecho:

(...) “quando, vencido pela fome, sucumbia à exaustão, surgia-me, como pela mão de um anjo, algo que me restaurava e me instigava o ânimo”. (SHELLEY, 1998, p.197).

Percebemos com essa passagem como o invisível era aceito com naturalidade, pois ao encontrar aquele alimento sem saber quem o pusera ali, o doutor encontrava respostas em obras da divindade, sendo dessa forma a mais viável, porém não respeitou essa divindade ao criar um ser, violando as leis divinas. Notamos nesse momento um paradoxo em relação ao conceito pré-formado do Dr. Frankenstein, pois seu comportamento oscila, ao mesmo tempo em que a criatura é vista como um demônio ela transcede a um anjo, esse paradoxo atua como uma ligação de sensibilidade, caracterizando a obra num dos fatores desta fase romanesca, que abordava um permanente confronto com o real, dessa forma, a autora atrai para sua obra uma transformação, que era intencional nesta fase, ampliando sua visão romântica, diante deste aspecto podemos dizer a respeito desse fato que:

“É também por intermédio dela que surgem, no momento em que a atuação política da *intelligentzia* fora neutralizada, essa autonomia intelectual dilemática da consciência artística, ora cultivada em altivo isolamento, ora trazida a público, em cumprimento de um dever apostólico, de uma missão espontânea para com a arte (...), daí por diante jamais desfeitos, que entramam a obra de arte e o estado do mundo, colocando aquela num permanente confronto com o real”. (NUNES in GUINSBURG, 1998, p.51).

A criatura continuou aquela peregrinação e sempre era seguida pelo o doutor Frankenstein, até que o doutor não suportando mais desmaiou e a partir daí foi resgatado por Walton e levado para o seu navio. E como já foi relatado anteriormente, depois de seu resgate Victor relata toda sua história e num momento de total convalescença ele se despede de seu novo e último amigo:

“Adeus, Walton! Busque a felicidade num viver tranquilo e evite ser dominado pela ambição, mesmo que seja esta, aparentemente construtiva, de distinguir-se no campo da ciência e dos descobrimentos. Mas por que falo isto? Na verdade, se eu me arruinei nessas esperanças, pode ser que outro seja bem-sucedido”. (SHELLEY, 1998, p.211).

Depois de ter dito essas palavras o silêncio tomou conta da cabine do navio, e doutor Frankenstein selou para sempre seu destino. Percebemos que com essa despedida dramática, Victor, tinha como intenção instigar seu amigo na tentativa de uma nova experiência, porém com maior afincamento, nota-se que, apesar de agonizante em seu leito de morte, ele ainda expõe seus impulsos vaidosos na intenção de que alguém e neste caso Walton dê continuidade ao desafiante caminho por ele traçado, que o destruiu e mesmo assim não se deu por vencido, fica evidente a ânsia de “passar adiante o bastão”.

Entendemos que a obsessão explicitada em Victor Frankenstein é tida até em nossos dias como exemplo de que o homem deve sempre ter limites em suas ações e que devido ao final trágico desse personagem, notamos uma barreira entre os limites tradicionais de realizações e um tipo de conhecimento proibido, a título de ilustração: “_ os atenienses cunharam uma palavra para designar sua insaciável ambição em conquistar o inatingível, a lua. *Pleonexia*, que vai além da arrogância comum ao recusar qualquer limite, qualquer horizonte”.(SHATTUCK, 1998, p.111). Visto dessa forma, fica evidente que o doutor Frankenstein possuía uma excessiva ansiedade pelo conhecimento que o levou à ruína, sua atitude não teria outro fim se não a morte.

Momento após a morte de Frankenstein entra pela janela a criatura que lamenta sobre seu frio cadáver, no entanto Walton indignado diz:

“- Miserável! (...), é tarde para que venha deplorar a desolação que foi sua obra... Demônio hipócrita! Se esse que você deplora estivesse ainda vivo, continuaria sendo o objeto de sua abjeta vingança!” (SHELLEY, 1998, p.213). Porém a criatura se defende tentando explicar que todo o tempo sua única busca era pela solidariedade e admite seus erros em sucumbir com a vida de pessoas inocentes que nem sabiam de sua existência, seu arrependimento o retrai em desconhecer a si mesmo ao lembrar de seus feitos, e então ela se apieda dizendo: “O anjo decaído torna-se demônio. Entretanto, mesmo aquele inimigo de Deus e do homem tinha amigos e seguidores. Eu sou sozinho”. (SHELLEY, 1998, p.214). Percebemos que a falha humana acarreta em

grandes tragédias, como no caso de Victor Frankenstein, que a autora apodera individualmente de sua sensibilidade e expõe os fatos como uma proximidade com o real para que a obra sirva de exemplo a ser seguido e mostra além do que a massa popular consegue perceber com intuito de atentar, os mesmos para uma discrepância em conjectura aos acontecimentos. Por mais que a criatura lastimasse pelas perdas devido aos fatos acontecidos de nada adiantaria, pois seus lamentos eram tardios, nesta passagem percebemos o quanto ela era humilde, apesar do abandono de seu criador seu sentimento em relação a ele era forte e com a morte dele nada mais poderia ser mudado e dessa forma a criatura, num momento de total infortúnio se despede de Walton:

“Adeus! Deixo-o, e com você o último ser da espécie humana a quem estes olhos jamais contemplarão. Adeus, Frankenstein! Tu buscaste minha extinção para que eu não pudesse repetir minhas atrocidades. Morto tu, cumprirei agora o teu desígnio. Acenderei minha pira funerária em triunfo e exultarei na agonia das chamas. Minhas cinzas serão varridas pelos ventos e lançadas no mar. Meu espírito partirá para a paz ou o degredo da eternidade. Adeus!” (SHELLEY, 1998, p.215).

Percebemos que a criatura dramaticamente desiste da vida, apesar de que sua sobrevivência nunca pôde ter sido uma virtude, devido à morte de seu criador ninguém seria capaz de redimir a destruição que ela propagou, e como seu mestre, ela morre sem nenhuma glória. Entendemos que essa obra enfoca pontos, que são tidos como fator de enriquecimento ao se tratar de um romance gótico e assim, a autora destaca essas características em sua obra, com intuito de perpetuar esta fase, como base de ressalva podemos dizer que:

“Mediante sua complexa estrutura de molduras narrativas e histórias engastadas uma na outra, *Frankenstein* conserva uma unidade de propósito e ação suficientemente robusta para conferir conotação irônica às palavras *glória* e *honra*, invocadas com frequência. Dez páginas ante do final, Walton diz, referindo-se ao moribundo Frankenstein: “Ele parece perceber seu grande valor e a dimensão de sua queda”. Nessa altura, sabemos quanto sal devemos acrescentar. Shelley não escalou batalhões de anjos para levá-lo. Não há perdição feliz.

Ninguém é capaz de redimir a destruição que Frankenstein deixou atrás de si". (SHATTUCK, 1998, p.105).

Devido aos fatos acontecidos nesta obra entendemos que o conhecimento desmedido leva a um terrível fim, porém a solidariedade permite-nos recrutar as desavenças e torná-las amena, visto dessa forma entendemos que quanto mais tentamos esconder um erro maior ele se tornará, pior ainda se abandonarmos às responsabilidades, enfim todo o mal que é praticado voluntariamente acabará voltando contra o praticante. E como sabemos, Shelley destaca em sua obra fatos que poderiam se tornar reais, e assim suas idéias são como um manual para os bons seguidores da literatura romântica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance, *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, aborda fatos que implicam na conduta do ser humano, desse modo percebemos a similitude com o real, o fator crucial nessa obra é a falta de solidariedade, que sua ausência acarreta em vários fatores com conseqüências drásticas, sabemos também que o preconceito é fato vigente nessa obra, dessa maneira Shelley instiga seus leitores a refletir melhor em suas atitudes.

Percebemos que apesar de abordar um conteúdo de horror esse é um romance que passa por alguns momentos bonitos e que a autora leva para o lado negro existente em cada ser humano, que é capaz de tudo para ocultar seus mais temíveis medo, até mesmo abandonar uma pobre alma que mal sabia como veio ao mundo, em princípio ao conhecer a história de Victor Frankenstein, percebemos nele uma grande ânsia por glória, mas no desenrolar da trama podemos entender que sua vontade não era apenas de destacar-se entre os outros, mas sim descobrir uma maneira de contornar a morte, e que acabou em sua total destruição, em primeiro plano sua destruição moral em segundo sua destruição pessoal.

Notamos que a autora apodera-se da criatura de Victor Frankenstein com intuito de demonstrar aos seus leitores as atitudes dos seres humanos perante o diferente e o quanto à ambição desmedida pode nos levar a ruína, desta maneira é evidente o preconceito que é traçado na obra como conseqüência dos acontecimentos, ou seja, das atitudes tomadas por Victor.

Encontramos nesta obra momento de sofrimento, angustia, solidão, desespero, e um forte sentimento de indiferença, todos esses caracteres vem reforçar ainda mais esse romance que o concretiza, em romance gótico, pois não podemos esquecer que esse sentimento de amor apresentado na obra não deixa de ser um amor doentio, ao se tratar do sentimento de Victor por Elizabeth, que apesar de amá-la não dividiu seus ideais com sua amada e sua ambição aparentava ser maior que seu amor por ela. A autora de *Frankenstein* (1818) foi muito perspicaz em suas atitudes, ao colocar seu personagem em confronto com fatos que poderiam ser reais, assim instiga nossa

1. Einleitung
 2. Grundlagen der Mengenlehre
 3. Operationen auf Mengen
 4. Relationen
 5. Funktionen
 6. Induktion
 7. Logik
 8. Mathematische Beweismethoden
 9. Reelle Zahlen
 10. Komplexe Zahlen
 11. Lineare Algebra
 12. Matrizen
 13. Lineare Abbildungen
 14. Skalarprodukt
 15. Normen
 16. Topologie
 17. Metrische Räume
 18. Stetigkeit
 19. Differentialrechnung
 20. Integralrechnung
 21. Fourieranalyse
 22. Gruppen
 23. Ringe
 24. Körper
 25. Moduln
 26. Lineare Abbildungen
 27. Skalarprodukt
 28. Normen
 29. Topologie
 30. Metrische Räume
 31. Stetigkeit
 32. Differentialrechnung
 33. Integralrechnung
 34. Fourieranalyse
 35. Gruppen
 36. Ringe
 37. Körper
 38. Moduln
 39. Lineare Abbildungen
 40. Skalarprodukt
 41. Normen
 42. Topologie
 43. Metrische Räume
 44. Stetigkeit
 45. Differentialrechnung
 46. Integralrechnung
 47. Fourieranalyse
 48. Gruppen
 49. Ringe
 50. Körper
 51. Moduln
 52. Lineare Abbildungen
 53. Skalarprodukt
 54. Normen
 55. Topologie
 56. Metrische Räume
 57. Stetigkeit
 58. Differentialrechnung
 59. Integralrechnung
 60. Fourieranalyse
 61. Gruppen
 62. Ringe
 63. Körper
 64. Moduln
 65. Lineare Abbildungen
 66. Skalarprodukt
 67. Normen
 68. Topologie
 69. Metrische Räume
 70. Stetigkeit
 71. Differentialrechnung
 72. Integralrechnung
 73. Fourieranalyse
 74. Gruppen
 75. Ringe
 76. Körper
 77. Moduln
 78. Lineare Abbildungen
 79. Skalarprodukt
 80. Normen
 81. Topologie
 82. Metrische Räume
 83. Stetigkeit
 84. Differentialrechnung
 85. Integralrechnung
 86. Fourieranalyse
 87. Gruppen
 88. Ringe
 89. Körper
 90. Moduln
 91. Lineare Abbildungen
 92. Skalarprodukt
 93. Normen
 94. Topologie
 95. Metrische Räume
 96. Stetigkeit
 97. Differentialrechnung
 98. Integralrechnung
 99. Fourieranalyse
 100. Gruppen
 101. Ringe
 102. Körper
 103. Moduln
 104. Lineare Abbildungen
 105. Skalarprodukt
 106. Normen
 107. Topologie
 108. Metrische Räume
 109. Stetigkeit
 110. Differentialrechnung
 111. Integralrechnung
 112. Fourieranalyse
 113. Gruppen
 114. Ringe
 115. Körper
 116. Moduln
 117. Lineare Abbildungen
 118. Skalarprodukt
 119. Normen
 120. Topologie
 121. Metrische Räume
 122. Stetigkeit
 123. Differentialrechnung
 124. Integralrechnung
 125. Fourieranalyse
 126. Gruppen
 127. Ringe
 128. Körper
 129. Moduln
 130. Lineare Abbildungen
 131. Skalarprodukt
 132. Normen
 133. Topologie
 134. Metrische Räume
 135. Stetigkeit
 136. Differentialrechnung
 137. Integralrechnung
 138. Fourieranalyse
 139. Gruppen
 140. Ringe
 141. Körper
 142. Moduln
 143. Lineare Abbildungen
 144. Skalarprodukt
 145. Normen
 146. Topologie
 147. Metrische Räume
 148. Stetigkeit
 149. Differentialrechnung
 150. Integralrechnung
 151. Fourieranalyse
 152. Gruppen
 153. Ringe
 154. Körper
 155. Moduln
 156. Lineare Abbildungen
 157. Skalarprodukt
 158. Normen
 159. Topologie
 160. Metrische Räume
 161. Stetigkeit
 162. Differentialrechnung
 163. Integralrechnung
 164. Fourieranalyse
 165. Gruppen
 166. Ringe
 167. Körper
 168. Moduln
 169. Lineare Abbildungen
 170. Skalarprodukt
 171. Normen
 172. Topologie
 173. Metrische Räume
 174. Stetigkeit
 175. Differentialrechnung
 176. Integralrechnung
 177. Fourieranalyse
 178. Gruppen
 179. Ringe
 180. Körper
 181. Moduln
 182. Lineare Abbildungen
 183. Skalarprodukt
 184. Normen
 185. Topologie
 186. Metrische Räume
 187. Stetigkeit
 188. Differentialrechnung
 189. Integralrechnung
 190. Fourieranalyse
 191. Gruppen
 192. Ringe
 193. Körper
 194. Moduln
 195. Lineare Abbildungen
 196. Skalarprodukt
 197. Normen
 198. Topologie
 199. Metrische Räume
 200. Stetigkeit
 201. Differentialrechnung
 202. Integralrechnung
 203. Fourieranalyse
 204. Gruppen
 205. Ringe
 206. Körper
 207. Moduln
 208. Lineare Abbildungen
 209. Skalarprodukt
 210. Normen
 211. Topologie
 212. Metrische Räume
 213. Stetigkeit
 214. Differentialrechnung
 215. Integralrechnung
 216. Fourieranalyse
 217. Gruppen
 218. Ringe
 219. Körper
 220. Moduln
 221. Lineare Abbildungen
 222. Skalarprodukt
 223. Normen
 224. Topologie
 225. Metrische Räume
 226. Stetigkeit
 227. Differentialrechnung
 228. Integralrechnung
 229. Fourieranalyse
 230. Gruppen
 231. Ringe
 232. Körper
 233. Moduln
 234. Lineare Abbildungen
 235. Skalarprodukt
 236. Normen
 237. Topologie
 238. Metrische Räume</

1. The first step in the process of the development of a new product is the identification of a market need. This is often done through market research, which can be conducted in a variety of ways, including surveys, focus groups, and interviews. The goal of market research is to gather information about the needs and preferences of potential customers.

[illegible]

The following is a summary of the information provided in the above document. The document is a letter from the Secretary of the Department of the Interior to the Secretary of the Department of the Army, dated 1900. The letter is dated 1900 and is addressed to the Secretary of the Department of the Army. The letter is dated 1900 and is addressed to the Secretary of the Department of the Army. The letter is dated 1900 and is addressed to the Secretary of the Department of the Army.

curiosidade e faz nos refletir sobre nossas atitudes ao tratar da falta de solidariedade e compreensão e na rejeição ao diferente, sabemos que essas atitudes são tomadas pela maioria das pessoas e desta feita, o que podemos é lamentar e tentarmos melhorar nossa conduta e sempre lembrar da lição de vida que aborda esta obra, e que por isso perpetua em nossa atualidade, como um bom clássico que é, completa seus 186 anos em pleno sucesso.

BIBLIOGRAFIA

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

GUINSBURG, J. *O Romantismo*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PRAZ, Mário. *A carne, A morte, e o Diabo*. na Literatura Romântica. Campinas: Unicamp, São Paulo, 1996.

SHATTUCK, Roger. *Conhecimento Proibido*. São Paulo: SCHWARCZ L, 1998.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou O Moderno Prometeu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

Novo Moderno Prometeu: O Espelho de Victor
Frankenstein. <http://www.espacoacademico.com.br/028/28cvianna.htm>.